

HC nega intenção de trazer bacteriologista

Ao confirmar oficialmente a presença, no Instituto do Coração, do médico norte-americano Warren Myron Zapol, especialista no tratamento de problemas pulmonares, o superintendente do Hospital das Clínicas, Guilherme Rodrigues da Silva, justificou: "É sempre útil trazer mais alguém com experiência, com conhecimento e com trabalhos publicados". Negou, no entanto, que esteja nos planos da equipe médica chamar também um bacteriologista.

O quadro geral de Tancredo Neves é muito grave, mas "o problema maior é o do pulmão", de acordo com a opinião do superintendente do HC. Se essa dificuldade for solucionada, "a chance de recuperação aumenta consideravelmente, embora seja muito difícil avaliar quantitativamente essa possibilidade".

As radiografias obtidas sexta-feira dos pulmões do presidente eleito mostraram "uma certa melhora" no problema pulmonar, e esse fato deu esperanças aos médicos de que haja possibilidade de uma regressão. "É indicação de que se trata de um componente agudo, e não crônico, ou fibrótico", comentou.

BACTÉRIAS

Por que os médicos não conseguiram, até agora, nenhuma vitória sobre as bactérias, responsáveis por todas as recaídas de Tancredo? Para Guilherme Rodrigues da Silva, porque "são infecções múltiplas e crônicas, num paciente de 75 anos". Ele lembrou que "a infecção precedia a cirurgia realizada em Brasília, e o presidente já vinha com ela de há muito tempo, tratando-se sem muita orientação médica, por motivos os mais nobres possíveis". O presidente — prosseguiu — dissimulava estar em boas condições de saúde. E isso deu toda essa complicação. É muito difícil lidar com essas infecções múltiplas. Ele tem usado antibióticos que estão na faixa de sensibilidade dos germens isolados. Mas, infelizmente, até agora não se verificou uma eficácia maior, em grande parte porque, quando você tem focos localizados, os antibióticos não atingem, naqueles locais, concentrações terapêuticas muito altas".

Os bacteriologistas que atendem Tancredo Neves supõem, segundo o superintendente do HC, que o presidente seja vítima do que eles chamam de "microfocos, espalhados pelo organismo", que não são localizados, porque os métodos de formação de imagem, como a ultra-sonografia, a tomografia computadorizada e a técnica do tállo radioativo só detectam coleções maiores de bactérias. "Então — conclui — deve haver microfocos."

Guilherme Rodrigues da Silva afirma, porém, que "não existe nenhuma

evidência de septicemia" (infecção generalizada no organismo), pois "o quadro clínico do presidente da República não indica isso".

"EXCEPCIONAL"

Depois da crise de domingo passado, Tancredo começou a apresentar uma piora progressiva e rápida em seu estado de saúde, o que levou os médicos que o atendem, segundo revelou Guilherme Rodrigues da Silva, a imaginarem que se tratava de um caso irreversível: "Os especialistas em terapia intensiva, pela experiência que têm, consideraram que aquele quadro configurava uma situação de declínio inexorável, portanto irreversível. Mas ele saiu daquela situação, equilibrou e estabilizou. É verdade que em níveis críticos, mas tem-se mantido estável. De modo que, agora, ninguém mais fala em irreversibilidade".

O próprio superintendente do Hospital das Clínicas afirma não conhecer ninguém que se tenha recuperado, depois de atingir o patamar a que o presidente eleito chegou: "Realmente, é um estágio de extrema gravidade o que ele atingiu quinta-feira. Sua recuperação foi algo de excepcional".

Os boletins oficiais anunciaram, durante a crise, que Tancredo chegara a um nível de oxigenação do sangue de 30 mm/hg, o que, em outras palavras, quer dizer que existe um quadro de hipoxia, ou falta de oxigênio para manter vivas as células do organismo. Atenção é que comece, de imediato, um processo de comprometimento de tecidos nobres do organismo, inclusive do coração e do cérebro. Guilherme Rodrigues da Silva, no entanto, comentou que "os valores anunciados na ocasião precisam ser confirmados", porque "a determinação da pressão de oxigênio nesses níveis baixos está sujeita a um erro experimental maior".

"É um erro normal — disse ele — e a pressão do oxigênio no sangue pode não ter sido 30, ou 33, como se divulgou anteriormente.

E, depois, o índice foi aumentado para 40, 46, chegando até 76, número muito bom".

SEM CONTRA-INDICAÇÕES

O PEEP, equipamento que impõe mais pressão ao oxigênio dentro dos pulmões do presidente eleito e usado para tirá-lo da crise de hipoxia, quinta-feira, "pode ser usado por vários dias", de acordo com o superintendente do HC. "A única contra-indicação é que ele dificulta um pouco o retorno do sangue venoso na circulação pulmonar, fazendo cair portanto o rendimento cardíaco, ou o volume circulatório e, como consequência, a pressão arterial. Mas as drogas vasopressoras solucionam o problema".